Conclusão

A conferência "A Questão da Técnica" fala de dois modos do desvelamento, dois modos da *aletheia*: a *poiesis* e o *Gestell*. Ali, Heidegger nos adverte que *poiesis* e *Gestell* não se relacionam com o desvelamento na forma em que a tradição ensina que o fazem as espécies com o gênero comum a elas.¹ O desvelamento, foi dito, é um destinar que dispensa uma compreensão de ser e de pensar —uma compreensão do que é o ente e do que é o homem—, mas que o faz de modo tal que ao mesmo tempo que a dispensa, reserva sua origem recusando que ela se mostre.² *Poiesis* e *Gestell* são esses modos destinadores do desvelamento. Ambos carregam perigo porque, por serem modos do desvelamento, reservam inaparente a origem. Mas, como devemos nos encaminhar para pensar esta origem? É ela um terceiro termo, o qual incluiria em si tanto um, quanto o outro modo de desvelamento? Claramente não, e é isto o que Heidegger nos quer indicar quando diz que devemos afastar a compreensão da relação espécie/gênero para pensar a *aletheia* e seus modos. A origem é o próprio destinar, o desvelamento como acontecimento que concedendo mantém reservado. Pergunta-se: como este acontecimento primeiramente acontece? Acontece como o passar a primeiro plano de um modo de desvelamento em detrimento do outro.³ O acontecer da *aletheia* como destinação é o movimento historial do privilégio da *poiesis* para o seu declínio em favor do *Gestell* —o niilismo pensado historialmente como a nadificação do ente.⁴ Heidegger nos fala, nesta mesma conferência, do "jogo secreto" das estrelas duplas que, na adversidade do movimento de passar uma à frente da outra, anunciam sua proximidade. *Poiesis* e *Gestell*, como estrelas duplas de um único movimento historial revelam algo semelhante a este jogo secreto. A metafísica nasce com Platão com a *idea*: aquilo que

¹ “O *Gestell* é um modo destinador do desvelamento, a saber, o modo pro-vocante. O desvelamento pro-dutor, a *poiesis*, é também um modo “destinador” semelhante. Mas estes modos não são espécies que, ordenadas entre elas, cairiam sob o conceito de desvelamento.” (*Essais et conférences*, p.40.)

² Nisto, insinua-se a intimidade essencial entre a ocultação e a desocultação que o termo grego *aletheia* indica.

³ “O desvelamento é este destino que, cada vez, subitamente e de uma forma inexplicável para todo pensamento, reparte-se em desvelamento pro-dutor e desvelamento pro-vocante e se dá ao homem para ser partilhado.” (*Essais et conférences*, p.40.)

⁴ “No desvelamento pro-dutor, o desvelamento pro-vocante tem sua origem que é ligada ao destino. Mas, ao mesmo tempo, pelo efeito do destino, o *Gestell* torna mal conhecida a *poiesis*.” (*Essais et conférences*, p. 40.)

concede ao ente o seu mostrar-se como sendo "isto ou aquilo", fazendo-o permanecer num aspecto determinado e reclamando para si a consistência do ser. Depois de dois mil e quinhentos anos, com Nietzsche, a metafísica enunciará a morte de todos os valores e conceberá o valor —a figura que ali assume o lugar do que determina o ente como sendo de tal ou qual maneira— como mera condição para o exercício da vontade de poder, sendo esta, como vontade de vontade que precisa permanentemente se conservar e intensificar, quem reclama para si, na manutenção deste seu movimento, aquela consistência. Solidário com este acontecer historial que da *idea* platônica resultou no "querer querer"⁵ da vontade de poder, o ideal de homem —e de humanidade— deixou de ser o daquele que, orientado pelas idéias como medidas transcendentais, aspira a conquistar a *eudaimonia* do bem-viver e passou a ser a besta de trabalho que animada pelos critérios de eficiência e produtividade torna-se o funcionário que se põe ao serviço da instituição. De Platão a Nietzsche, vimos a eternidade ser substituída pelo "puro devir", a necessidade pelo acaso, a unidade pela fragmentação irreduzível, a forma pelo amorfo, a substância pelo evento, o conceito pela função, enfim, vimos a inversão da metafísica.

"Inversão da metafísica": ocultação da *poiesis* e desocultação do *Gestell*. Que quer isto dizer? O termo "inversão" pode sugerir a possibilidade de um jogo perpétuo entre dois grupos de categorias que inverteriam de quando em quando a sua hierarquia. Mas a metafísica não é nada como um movimento pendular ou uma clepsidra que, quando esgotada a areia de um dos lados, está prestes a se inverter. O movimento historial do Ocidente —o declínio da *poiesis* em favor do *Gestell*— não tem retorno.

⁵ A vontade de poder é vontade de nada, não porque não queira, mas porque, para se manter querendo, é necessário que aniquile o ente, que não se prenda a ente nenhum. Este amarrar-se ao ente seria justamente o fim da vontade de poder, o fim do seu movimento, a sua estagnação. Mais radicalmente, este amarrar-se ao ente seria deixar de querer, isto é, perder sua essência de vontade. Por esta razão é que Heidegger utiliza a expressão "vontade de vontade" para referir-se à vontade de poder que tão aguda e visionariamente Nietzsche apontou: o que a vontade quer não é "nem isto, nem aquilo", o que ela quer é simplesmente querer. A tese da "transvaloração de todos os valores" é inteiramente solidária com o querer querer da vontade de poder. O valor é a última figura da idéia platônica, aquilo que dá determinação ao ente e faz que erija deste ou daquele modo. Decretada a morte dos valores "em si mesmos" --decretado o direito que a determinação reclama para si de ser, isto é, de ter consistência -- o valor não desaparece, mas torna-se uma mera condição do exercício da vontade, algo que permite à vontade, no seu exercício de "pôr e derrubar" valores, se assegurar de sua consistência como vontade, isto é, permite a vontade "ser".

Quiçá seja necessário dar mais ênfase a esta afirmação, dado que quando se ouvem em uníssono afirmações heideggerianas tornadas *clichés* como a "volta à origem" e o "papel reservado a arte no fim da metafísica" —ou, mais insistentemente, à poesia—, acrescidas da suposta censura à técnica contemporânea por ter devastado a superfície do planeta, rápida e impensadamente se é levado a achar que o pensamento de Heidegger é um tipo de pensamento nostálgico de uma idade de ouro, pensamento mais ou menos pessimista ou otimista, dependendo dos poderes restauradores que se atribuam à poesia ou à arte. Limito-me a citar as palavras de Heidegger numa conferência realizada em Atenas, em 1967, cujo nome foi "A proveniência da arte e a destinação do pensamento":

"Necessário é dar um passo atrás. <...> Mas esse passo atrás não significa que seria necessário de um modo ou de outro fazer reviver o mundo da Grécia antiga e que o pensamento devesse buscar seu refúgio junto aos filósofos pré-socráticos.

Passo atrás significa que o pensamento recua perante a civilização mundial e, tomando distância dela, jamais negando-a, introduz-se naquilo que teve que permanecer ainda impensado no começo da civilização ocidental, mas que já está ali devidamente nomeado e, assim, dito de antemão ao nosso pensamento."⁶

O que no começo da civilização ocidental foi "devidamente nomeado" e, entretanto, permaneceu impensado é a *aletheia*. A *lethe*, a ocultação que ela guarda e que de um modo derivado transfere ao ente, foi experimentada pela metafísica como um desafio e uma exigência: a de trazê-la à presença, de desvelá-la e torná-la disponível sob o modo da completa acessibilidade do ente, e assim, do comportamento compulsivo de devassá-lo e pô-lo sob o olho e a mão do homem despudorado. A civilização planetária, na qual estamos e unicamente a partir da qual podemos começar a pensar, permitiu a Heidegger esse distanciamento para o qual ele nos convida. "Permitiu esse distanciamento" significa: concedeu que, pela primeira vez, fosse experimentado o fracasso da empreitada metafísica de tornar acessível a *lethe* sob a forma da "entidade do ente". Mas a experiência "negativa" deste fracasso coincide com uma outra experiência de acesso à *lethe*: a *lethe* pela primeira vez se mostra como *lethe*, pela

⁶ Heidegger, Martin, *Cahiers de L'Herne*, ed. de L'Herne, Paris, 1973, pp. 365-379.

primeira vez "o desvelamento desvela o velamento como velamento".⁷ Esta fórmula, que considero muito feliz, está longe de ser um jogo de palavras. Ela diz, na sua simplicidade: o desvelamento obriga o velamento a aparecer, mas o faz mostrando-o como o que recusa ser devassado, como o que não se põe à nossa disposição, fechando-se sobre si. Assim, devolve-se ao homem a fonte de todo pudor, o pudor que todo autêntico amor possui e que hoje conhecemos quase que exclusivamente pelas "vivências" do amor na esfera privada: o velar pelo sono do filho, a amizade que alegra e conforta, o agradecer pela existência singular e irredutível da pessoa amada.

Gostaria de encerrar este trabalho com os versos de Georg Trakl do seu poema "Crepúsculo de Inverno".⁸ Na sua beleza, esses versos falam da peregrinação da humanidade ocidental e de como, na dor da terra exaurida pela usura, o que salva começa a crescer:

Um dentre os que estão em viagem
 Dos caminhos escuros chega à porta
 De ouro floresce a árvore das graças
 Nascida da terra e da seiva fresca.

Em paz entra o peregrino
 A dor petrificou a soleira
 Ali resplandece na pura claridade
 Sobre a mesa pão e vinho.

⁷ Esta fórmula aparece no ensaio de Martin Heidegger, *A Origem da Obra de Arte*. A obra de arte ali nos é revelada como o acontecimento da verdade, acontecimento que consiste num combate entre a *lethe* e a *aletheia* e que, nela, obra de arte, se dá sob a forma de combate entre mundo e terra. Diz Heidegger: "A terra só aparece abertamente iluminada como ela própria onde é guardada e salvaguardada como a que é essencialmente insondável, que recua perante toda a exploração, a saber, a que se mantém fechada. <...> Todavia, este fechar-se da terra não é um manter-se fechado, uniforme e rígido, mas antes revela-se numa plenitude inesgotável de modo e formas simples."

Ou, segundo uma outra versão do poeta para o mesmo poema,

Um dentre os que estão em viagem
Dos caminhos escuros chega à porta
Sua ferida plena de graças
Cuida da doce força do amor.

Ó simples tormento do ser humano
Que mudo lutou com os anjos,
Lânguido, vencido pela dor sagrada,
Em silêncio, diante: pão e vinho de Deus.

⁸ Heidegger dedica o primeiro dos seus *Unterwegs zur Sprache* intitulado "A fala" à análise deste poema de Georg Trakl.